

## A HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA DE CAMPO

Wania Malheiros Alves  
Rafael Claudio Simões

O X Simpósio de História da UFES, girando em torno do tema **Fontes Alternativas para a História**, teve na história oral um dos seus momentos altos de discussão numa demonstração - entre muitos outros indicadores - do crescente espaço que este recurso de exploração de campo vem ocupando nas pesquisas em ciências sociais.

Pretende-se neste curto ensaio proceder a uma breve reflexão sobre o **status** da história oral como recurso científico e sobre o seu uso em dois trabalhos de pesquisa específicos recentemente desenvolvidos no Departamento de História da UFES. São eles: o projeto de pesquisa intitulado *História do Partido Comunista no Espírito Santo: 1922-1992*, que vem sendo realizado por Wania Malheiros Alves e Rafael Claudio Simões, professora e estudante bolsista desse Departamento; e o trabalho de monografia de final de curso, intitulado *A Construção Histórica da Estrutura Sindical dos Trabalhadores da Orla do Espírito Santo*, realizado por Sueli Ferreira da Silva, sob orientação de Wania Malheiros Alves.

“...*A tradição oral é de longe a fonte histórica mais íntima, mais rica, mais bem nutrida com a seiva da autenticidade. A escrita, embora útil, congela e resseca... decanta, disseca, esquematiza e petrifica... A tradição oral reveste de carne e de cores, irriga de sangue o esqueleto do passado* (grifo nosso). *Apresenta em três dimensões o que é frequentemente achatado sobre a superfície bidimensional da folha de papel*” (Ki-Zerbo: 1990). O autor indica com toda a intensidade as virtudes da memória oral para o registro ou o estabelecimento da tradição histórica. Discutindo a história oral como tradição cultural, e não como recurso de pesquisa científica, Ki-Zerbo não se refere a seus limites, pois não é seu intento discuti-los, embora não os ignore.

A história oral tal como a trata Ki-Zerbo não tem limitação de tempo, constitui a sedimentação histórica via relatos orais através das gerações. Este procedimento é válido para tempos remotos ou recentes, em sociedades que contam com a escrita ou não - caso de algumas tribos africanas descritas por Ki-Zerbo. Paul Thompson faz referência ao trabalho de Iona e Peter Opie. *The Lore and Language of School Children*. “*que revelou uma surpreendente profundidade histórica da tradição oral que sobrevive nos pátios de recreio das escolas contemporâneas*” (Thompson: 1992).

Na nossa discussão, entretanto, buscaremos tratar a história oral enquanto “método” de pesquisa e, neste caso, refletir sobre suas possibilidades e limites. O primeiro grande problema enfrentado pela história oral diz respeito à sua própria definição no campo dos procedimentos de pesquisa. Não há, entre os que discutem o tema de forma mais sistemática, um consenso quanto ao seu **status**, se se trata de uma técnica de coleta de dados, de um método científico ou simplesmente de uma fonte. Tal indefinição talvez se deva ao fato de que na bibliografia especializada esta questão não configura um problema propriamente dito, constituindo-se a história oral num ou outro elemento dependendo de como seja utilizada - e com que objetivo - em cada pesquisa. Nos próprios exemplos de pesquisa que relataremos mais adiante, observamos o uso da história oral como fonte, em um caso, e como método, em outro.

Tomada como método, outras dificuldades são apontadas relativamente à sua eficácia. Os mais imediatos são: uma perspectiva pontual, impossibilitando a abordagem global de um determinado tema; um curto horizonte temporal em direção ao passado, cujo limite é a idade do depoente; a alta interferência da subjetividade, ligada à espontaneidade da informação e ao estreito

vínculo entre esta e a situação emocional do entrevistado; e, ainda, “a difícil passagem da ilustração à análise”, para usar as palavras de Thompson, ou seja, transformar relatos, memórias e, muitas vezes impressões, em dados. Trata-se da tensão entre história e vida - ou fenômeno -, que de resto constitui um problema inarredável das ciências sociais, como sugere Thompson (Thompson: idem, p. 305), mas que no caso da história oral se exacerba em virtude das características do método.

Entretanto, as virtudes da história oral, acredita-se, superam seus vícios. Além de produzir novas fontes, ela produz sobretudo novas linhas de análise, quer seja no sentido da interdisciplinaridade ou no sentido de novas propostas de conhecimento. No primeiro caso, propiciando num só tempo a percepção estrutural, fenomênica, cultural e psicológica de um dado fenômeno. A história oral sugere uma área de trabalho específica, “que aponta para a conexão existente entre todos os aspectos da história e não para as divisões entre eles” (Thompson: idem, p. 105).

Também Marilena Chauí faz referência à qualidade tridimensional da história oral - objetiva, subjetiva e social - quando afirma, na apresentação do trabalho de Ecléa Bosi, que o ato de lembrar, bem como a matéria lembrada, é tanto individual quanto social - “*o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar*” (Chauí. In Bosi: 1979, p. xxx).

No caso de novas proposições de conhecimento, é ainda Marilena Chauí que, no mesmo texto, destaca a história oral como um meio eficaz de construir “a história do oprimido” e proceder a crítica à história oficial: a história oral desvenda a história do oprimido sufocada pela história oficial, triunfalista e do vencedor; a história oficial oprime a memória porque sufoca a lembrança (Idem, p.xix). De forma correlata, o depoimento individual desmantela o discurso orquestrado em torno do interesse de um grupo ou instituição, que é a base de produção dos documentos, distorcendo a realidade.

Uma outra virtude da história oral que deve ser ressaltada é a sua capacidade de produzir a história como processo e reveladora de processos, e não como fim; apreendida no movimento de sua construção e não através do seu resultado final. A título de exemplo, vale lembrar a referência feita por Paul Thompson ao uso da história oral na pesquisa sobre a história da ciência de David Edge, *Astronomy Transformed: The Emergence of Radio Astronomy in Britain*, onde o autor percebeu “*que a pobreza de registros deixados pelos cientistas não era casual; eles não encaravam suas tentativas e erros iniciais como relevantes para a história da ciência, a qual, segundo acreditavam, caminha numa sequência racional de descobertas. Mediante a evidência obtida em entrevistas, ele teve condições de mostrar que o quadro verdadeiro é muito diferente: uma história de becos sem saída, de mal-entendidos e de descobertas acidentais, dentro de um cenário social de rivalidades agudas, em parte provindas de especializações de grupo, mas que, por vezes, levam à ocultação deliberada de informação*” (Thompson: idem, pp. 109-110). Assim, a história oral desvenda o cientista como um animal mais humano e político do que um super-homem frio e racional.

A história oral, quando a serviço da história de vida, constitui ao mesmo tempo uma nova fonte e uma nova linha de análise. Dando acesso aos meandros psicológicos e sentimentais da informação, ela possibilita a reconstrução da história a partir da perspectiva da ação subjetiva no microcosmo do indivíduo a qual, ainda que relevante na armação dos fatos, aparece diluída na composição macro desses fatos. Mas também possibilita a construção da história individual dos

sujeitos históricos, de modo independente e próprio, formando um campo de análise adicional ao da história “tradicional”.

De qualquer modo, a história serve a estudos menos sistêmicos ou holísticos e desempenha papel fundamental no trabalho de levantamento de evidências empíricas e na ênfase pontual da história. Atua no sentido de levantar questões omitidas pelas teses globais e abrir novos caminhos para a discussão e o conhecimento. Sobretudo, desloca o discurso da vida pública para a vida privada e, neste sentido, está inscrita numa das grandes tendências metodológicas inauguradas pela chamada “Nova História”.

### **A História Oral como Recurso Metodológico de Pesquisa Possui sua Própria História.**

O uso da história oral na sua forma mais sistemática remonta ao século XIX na Europa, com os célebres trabalhos citados por Thompson (op.cit) e Michel Trebitsch (1981): *História da Revolução Francesa*, de Jules Michelet - 1847/53 -, que a utilizou com o objetivo de “*contrabalançar a evidência dos documentos oficiais com o julgamento político da tradição oral popular*” (Thompson: op.cit.: p. 45); e *Os Operários e Pobres de Londres*, de Henry Mayhew - 1851- -, visando a promover uma abordagem mais pontual e empírica aos estudos de história social dos operários ingleses. Contudo, conforme lembra Thompson, esses trabalhos não continham a pretensão de um método científico estabelecido, mas apenas um recurso mais adequado àqueles objetivos historiográficos.

Mas, já no século XVII, Voltaire se utilizara largamente da fonte oral, embora com uma posição crítica marcadamente iluminista que apontava os prodígios do método científico que deixava para trás a “fábula” produzida pela tradição oral (Thompson: op.cit.: p.53). Engels, em seu *Condição da Classe Operária na Inglaterra em 1844*, também recorreu a comentários da época e a seus próprios relatos de testemunha ocular da vida operária para operar suas análises (Idem: p. 64). Mais tarde, os famosos *Questionários de 1880* aplicados por Marx à classe operária de Paris, visava a explorar o método na sua dupla capacidade de produzir informação e atuar como elemento de intervenção política - mobilizando e estimulando os entrevistados no processo de entendimento sobre sua real situação (Marx: 1968, anexos; e Lanzardo; 1968).

Para continuar na citação dos mais célebres entre os primeiros usos sistemáticos da história oral analisados por Thompson (Idem), seguem-se *Life and Labour of the People in London*, de Charles Booth (1889-1903), e as sucessivas produções de Beatrice Webb (1891: 1894: 1905: 1926), sempre versando sobre a história social, campo onde em seus primórdios a história oral foi mais largamente aplicada.

Após ter sido proscrita do campo da ciência pelo Positivismo do século XIX, na Europa, a história oral reaparece com força e “pretensão revolucionária” nos anos 60 nos Estados Unidos. Este vigoroso ressurgimento se dá na esteira do veio aberto pela sociologia empírica da Escola de Chicago nos anos vinte, que empunhou o emblema acadêmico da “cidade como laboratório” e o método das *life histories*. O boom da história oral na Europa e nas Américas nos anos 60 ocorre em estreita relação com a chamada “história de vida” e sob a apologia dos princípios metodológicos da pesquisa de campo, da observação participante e da fonte e objeto como sujeito, como forma de militância acadêmica contra o positivismo científico (Trebitsch: op.cit.). A partir de então, a história oral vem se estabelecendo e difundindo entre as pesquisas de campo, ultrapassando mesmo a condição de alternativa “corretiva e suplementar” para conquistar um **status** próprio cada vez maior.

## **A História Oral nos Estudos de Caso do PCB no ES e dos Sindicatos dos Trabalhadores da Orla do ES.**

Dois elementos são relevantes de serem destacados aqui na medida em que informam esta seção do trabalho. De um lado, destaca-se o fato da história oral ser muito comumente usada como corretivo e suplemento às fontes escritas. Este tipo de uso da história oral esteve presente, em graus diferentes, nas duas experiências de pesquisa que serão aqui comentadas. Por outro lado, o problema acima mencionado referente à dificuldade colocada pela história oral na passagem da coleta à análise dos dados tem sido visível na pesquisa relativa à história do PCB no ES, uma vez que aí a história oral atua não apenas como fonte mas, principalmente, como recurso de criação de uma história da cultura subjetiva, política e moral dos comunistas.

Diferentemente da pesquisa sobre os sindicatos da orla, a do PCB se apoiou fortemente em entrevistas com antigos e atuais militantes comunistas. Inicialmente, a opção pelas entrevistas obedeceu a uma motivação estritamente técnica que era a de preencher as lacunas deixadas pelos documentos, uma vez que estes eram não apenas escassos mas também, muitas das vezes, pouco claros, utilizando-se de disfarces tais como nomes falsos, falta de data e local, etc... devido aos longos anos de repressão.

Foi somente depois de algumas entrevistas feitas que pudemos verificar que os depoimentos possuíam uma qualidade que ia além da mera informação factual conforme se supunha a princípio. Percebeu-se que as respostas dadas às perguntas precisas vinham permeadas de significados adicionais relativos ao comunismo capixaba, configurando mais de uma vertente de análise. Assim, a proposta inicial de pesquisa voltada para a história do PCB no ES, com ênfase na atuação do PCB junto à política oficial do estado e junto ao movimento sindical, se mostrou limitada frente às possibilidades analíticas abertas com as entrevistas. Em outras palavras, surpreendemo-nos com a riqueza de informações sobre o perfil cultural dos comunistas, bem como com as suas histórias de vida, as quais guardavam significações que ampliavam o número de variáveis que informavam a nossa “variável constante” - a militância comunista.

Neste sentido, buscamos dar um novo tratamento às entrevistas, não apenas aperfeiçoando-as como também qualificando-as enquanto método, no que passamos a dirigi-las de acordo com princípios da história oral. Um dos procedimentos nessa direção foi tentar esgotar as possibilidades de entrevistas, aproveitando todas as novas referências de nomes que surgiam a cada entrevista feita, independentemente dos critérios iniciais - idade e importância assumida na organização. Assim, das 20 entrevistas inicialmente previstas passamos a 40 entrevistas já feitas até o momento, restando ainda 20 por realizar.

Dos novos aspectos passíveis de análise sistemática que emergiram do processo das entrevistas, devem-se mencionar os seguintes: a questão ético-moral, o tipo e qualidade de vida exercidos, a questão do idealismo político, e a questão da idealização do passado. Verificou-se que tais elementos mostravam características semelhantes nas diferentes experiências individuais.

Além disso, as entrevistas ampliaram o próprio escopo do objeto, revelando-o na sua dimensão real que aparecera resumida no escasso material escrito disponível. O exemplo mais marcante deste fenômeno se refere ao número de parlamentares comunistas eleitos ao longo da existência do PCB no ES. Quando iniciamos a pesquisa, trabalhávamos com a informação de um total de seis parlamentares; através das entrevistas já foram descobertos, até o momento, mais seis, totalizando na verdade 12 parlamentares (Alves e Simões: 1995).

Para finalizar esta parte referente à pesquisa sobre o PCB, deve-se notar o importante papel desempenhado pelas entrevistas no trabalho de verificação dos dados através da confrontação

das informações entre os diferentes depoimentos, auxiliando assim na depuração das evidências.

No estudo de caso *A Construção Histórica da Estrutura Sindical dos Trabalhadores da Orla do ES*, o uso da história oral já foi mais limitado. Talvez nem se possa usar aí o conceito de forma plena, tendo em vista o pequeno número de entrevistas feitas, não constituindo portanto a fonte predominante na pesquisa.

Entretanto, embora as entrevistas tenham sido originalmente concebidas como mero complemento às fontes escritas, elas levantaram novos problemas e questões que obrigaram a mudança de rumo da argumentação e, mesmo, do objeto de análise central. Neste sentido, embora o trabalho tenha repousado apenas parcialmente em informações obtidas via “depoimento oral”, no tocante à linha de análise efetuada apoiou-se integralmente nas entrevistas.

As duas entrevistas realizadas foram concebidas segundo o critério de perguntas abertas visando a elucidar as razões do baixo número de processos trabalhistas encontrados nos arquivos do sindicato, pois este era o objetivo original do trabalho - analisar as causas trabalhistas dos sindicatos dos portos - o que logo se mostrou inviável pela ausência de documentação. Recorrendo aos testemunhos orais, descobriu-se que o próprio processo de formação e organização corporativa desses sindicatos se constituía na causa principal da escassez de documentos na área jurídica referente aos processos trabalhistas.

Os relatos revelaram que a forma como os sindicatos foram historicamente estruturados tinha mais significado em si do que como simples explicação do pequeno número de processos existentes. Ou seja, o reduzido número de processos era apenas uma das muitas implicações ou resultados da história de formação dos sindicatos bem como da estrutura que assumira: dado o seu alto grau de corporativismo, as negociações e dissídios eram formalizadas através do simples diálogo e não de processos judiciais. Neste sentido, a pergunta que passou a nortear a pesquisa foi “como se processou essa história que propiciou a formação de tal estrutura?”.

Em consequência, o retorno aos documentos obedeceu a uma nova lógica: buscou-se, a partir desse momento, levantar material relativo aos principais elementos ou eventos que compuseram a história dos sindicatos da orla. Assim, procuramos analisar o processo de transformação da associação em sindicato, nos primórdios de sua história; as relações existentes entre o processo de formação desses sindicatos e a história da criação do sindicalismo oficial no Brasil; os pontos da CLT diretamente referidos à organização do trabalho nos portos; o regime de repressão no pós 64 e seus efeitos no recrudescimento do corporativismo nos portos; as recentes iniciativas governamentais a partir do governo Collor em privatizar os portos e alterar a estrutura organizacional de seus sindicatos; e ainda, de que modo, e em que grau, essas medidas influenciaram os atuais esforços dos trabalhadores da orla capixaba no sentido de unificar os seus diversos sindicatos.

## CONCLUSÃO

A história oral encaixa-se no chamado “paradigma conjectural” de Ginzburg (Ginsburg:1980, pp7-36. In Chalhoub: 1990, p. 16), sobre o processo de construção do conhecimento nas ciências humanas onde se busque ir “além do eterno contrastar esterilizante entre o *racional* e o *irracional*, o *particular* e o *geral*, a atitude *fragmentária* e a *holística*”. Tratam-se de métodos interpretativos nos quais “*detalhes aparentemente marginais e irrelevantes são formas essenciais de acesso a uma determinada realidade; são tais detalhes que podem dar a chave para redes de significados sociais e psicológicos mais profundos, inacessíveis por outros*

*métodos*” (Chalhoub: Idem: p. 17).

Prosseguindo na utilização de Chalhoub, é interessante transcrever a sua citação de Freud falando sobre Morelli, crítico e pesquisador de arte italiano estudado por Ginsburg em seu artigo supracitado, *Morelli, Freud and Sherlock Holmes: clues and scientific method [pistas - indícios? - e método científico]*: “*Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise, que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações*” (Freud:1974, p. 264-5. In Chalhoub: idem, p. 17).

Essa discussão aqui transcrita em linhas gerais não é travada em torno da história oral em si, mas em torno das qualidades ou capacidades de métodos ainda chamados “alternativos”, onde se encontra a história oral, como uma porta de acesso a um mundo não oficial revelador dos caminhos palmilhados pela própria história oficial. Pois permitem a apreensão de significados que só a expressão individual transmite, apesar desta ocorrer num idioma cultural geral e, por isso, ser significativa de um universo que não apenas o individual do depoente ou sujeito investigado.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Wania M. e SIMÕES, Rafael C.. **História Eleitoral e Parlamentar do PCB no ES - 1945 a 1992**. (Mimeo).
- BOSI, Eclea. **Memória - Sonho e Memória - Trabalho**. In *Memória e Sociedade*. 1979: Mimeo.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**. São Paulo: cia das letras, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. “Memória - Sonho e Memória - Trabalho”, Introdução. In: **Memória e Sociedade** (op.cit.).
- KI-ZERBO, Joseph. “A Tradição Oral como Fonte Historiográfica”. In: **O Correio**. Unesco, ano 18 - no. 6, Brasil, julho de 1990.
- LANZARDO, Dario. “Marx e a Enquete Operária”. In: Quaderni Rossi. **Luttes de Classes en Italie et Capitalisme D’Aujourd’hui**. Paris: Maspero, Paris, 1968.
- MARX, Karl. “O Questionário de 1880”. In: Quaderni Rossi. **Luttes de Classes en Italie et Capitalisme D’Aujourd’hui**. Paris: Maspero, 1968.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TREBITSCH, Michel. **A Função Epistemológica e Ideológica da História Oral no Discurso da História Contemporânea**. Rio de Janeiro: FINEP, 1994.

---

Wania Malheiros B. Alves  
Professora Adjunta do Depto de História da UFES  
Rafael Cláudio Simões  
Graduado em História - UFES